

Caros amigos

Carta de Laurence Freeman, OSB

O fim do ano começa uma nova história. O tempo do Natal é o de recontar uma história antiga. Ela é renovada pelo fato de nós a ouvirmos outra vez, através da lente da experiência do que vivemos desde a última vez que ouvimos.

Transmitida ao longo de vinte gerações, a história de Jesus não é – não pretendia ser – uma biografia e, certamente, não seria o tipo de relato jornalístico com que estamos familiarizados hoje. Não se trata sequer, basicamente, de eventos históricos objetivos, exceto na medida em que se relacionam com uma experiência incomum da presença agora, de uma dimensão da realidade, diferente de qualquer das que estamos cientes. Parece uma história tão simples, tão direta, sedutoramente construída em camadas, com todas as nossas memórias do Natal da infância. É, no entanto, implacavelmente subversiva de todas as nossas maneiras falsas ou incompletas de ver as coisas.

Lembremo-nos de como se inicia. Maria é noiva de José, porém, antes que vivam juntos, ela engravida. Felizmente, José é um bom homem e a aceita assim mesmo. Jesus entra desse modo no mundo, no fio da navalha entre a respeitabilidade segura e a marginalidade perigosa. O Filho de Deus chega quase como um bastardo, socialmente marginalizado e com o que era, naquele tempo, o pior de todos os rótulos, o da ilegitimidade, para começar a vida. Então, podemos pensar, ele passou por essa; agora as coisas podem prosseguir normalmente, como deveriam. Convencionalidade, respeitabilidade, previsibilidade, o sonho que a linguagem corporativa hoje chama de “sustentabilidade”, todas são formas da tentativa que fazemos para estar em segurança, protegidos. Elas parecem nos ajudar a negar a mortalidade e ignorar o abismo sobre o qual caminham nossas frágeis vidas.

Mas as coisas continuam a dar errado na história. Primeiro, não há espaço na estalagem, embora o Menino ganhe alguns bons presentes, mesmo que algo simbólicos. Agora, com certeza, ele pode ir para casa e desfrutar um bom ambiente, uma família ampliada. Mas José tem outro sonho e eles se tornam refugiados, fugindo para salvar suas vidas, enquanto acontece um massacre de inocentes, como o de Peshawar. Eventualmente, é seguro para eles voltar e há, imaginamos, alguns anos pacíficos, anos normais de crescimento. Mas era um país ocupado, com ataques terroristas e ultrajes de que a santa família deve ter ao menos ouvido falar. Mas vamos supor que eles desfrutaram, em alguma medida, daquilo que todos, especialmente os pais, desejam: calma, segurança, e rotinas seguras com presentes acessíveis.

E então ele perde tudo isso de novo, quando seu autoconhecimento e sua missão se desenvolvem simultaneamente nele, quando se torna uma celebridade controversa por algum tempo, mais uma vez se equilibra sobre o perigoso fio da navalha de rejeição social e exclusão. Ele desafia (como o Papa atual) as próprias seguranças que os líderes e os privilegiados instalam para não assumir a realidade - hipocrisia moral,

religião que bloqueia a consciência espiritual e imagens de Deus construídas, bem defendidas, mas falsas; na verdade, uma blasfêmia que alega ser sagrada. Assim, não surpreende que a história termine como começou – em fracasso – o Salvador desaparece do radar, universalmente condenado, um profeta fracassado, um curandeiro que não pode salvar a si mesmo.

Que história! Talvez, muitos pais, que se sentem mal porque não criaram uma “família perfeita”, e não foram capazes de dar a seus filhos toda a segurança e amor de que eles necessitam, devessem consolar-se. Essa história nos lembra que há significado, ou pelo menos um caminho para além de nossa incapacidade de ser o que gostaríamos (ou como deveríamos) escolher ser. Não será preocupante, então, que tão facilmente evitemos o sentido libertador da história do Natal, transformando-a em um pastiche, um conto de fadas? Quando fazemos isso, estamos reforçando as próprias condições em que a história foi concebida para expor, dissipar e nos libertar. Se não entendemos seu significado, permanecemos presos a uma imagem de Deus que não apenas é errada, mas que na verdade nos impede de crescer em nosso potencial, aprisionando-nos na culpa e fracasso. Deus então é visto não como vindo a nós para “libertar-nos de nossos pecados”, mas para aumentar o castigo. Teresa de Lisieux, em sua profunda simplicidade, duramente conquistada, viu isso claramente. Ela ficava magoada ao perceber quantos cristãos tinham medo de Deus. Como alguém poderia, disse ela, ter medo de um Deus que se tornou um bebê?

Mas não podemos simplesmente culpar os outros por isso. O que é realmente assustador não é o Deus real, mas o terror que sentimos de perder nossas ilusões.

Para defender as maneiras pelas quais construímos o mundo como uma defesa contra a nitidez da realidade, construímos sistemas, supervalorizamos instituições e desenvolvemos estratégias com excesso de confiança. Então, se conseguimos que dê certo, acreditamos que isto é o que Deus quer. Bem, a vida é tão curta e vulnerável que não admira que atribuamos tanto valor a nossos sistemas e segurança. E, com frequência, eles funcionam bem. Como a indústria aérea, que teceu o mundo em um continuum espaço-tempo e mudou nossas formas de imaginar o planeta e de nos relacionarmos aos nossos companheiros – seres humanos. No processo, naturalmente, nos tornamos “clientes” comerciais, em vez de “viajantes” heróicos e peregrinos. Os aviões agora substituem a perigosa, demorada e desconfortável experiência da viagem, que era o privilégio de poucos, que levava as pessoas através de diferentes culturas e climas em um ritmo humano, dando tempo para saborear as transições e gradações de cultura, para assimilar e elaborar diversidades de língua, comida, crença e forma de culto. Em vez disso, somos obcecados pela velocidade. Criamos uma cultura de esterilidade assombrosa, e um frenesi de consumismo no sistema aeroportuário global. Mas é seguro. A regulamentação da indústria criou, a um determinado preço, a forma mais segura de transporte que já existiu. Então, damos vivas ao reducionismo, à padronização e às ferramentas tecnológicas que funcionam.

Mas quando não funcionam, a ilusão de segurança, a negação da realidade se

estilhaçam. Através de um pequeno rasgo no véu, antes que ele seja consertado, vemos que o abismo ainda está lá.

Tanto quanto lembro, perdi apenas dois voos nos últimos vinte e cinco anos (muitos outros foram cancelados ou atrasados). Ontem, perdi dois no mesmo dia. Quando a agitação, o desconforto de ter de cancelar um compromisso, a corrida suada de portão a portão para salvar a situação, quando tudo aquilo acabou, tive umas duas horas para relaxar, e recebi uma grande graça. (Todas as coisas ruins têm em si graças esperando para aparecer, como um borboleta de uma crisálida murcha ou um anjo subindo acima dos escombros de um dia de tristeza que nos faz olhar para o alto, acima de nossa derrota). Ontem, o anjo de Heathrow não pareceu bem assim. Mas, minha sorte foi que, mesmo com minha própria agitação e o frenesi de consumo do duty-free à minha volta, fui capaz de meditar em um canto tranquilo, e me recuperar. Eu percebi que, embora isso me incomodasse, também não era tão relevante. Que a paz é mais profunda que a agitação. Ensinaaram-me mais uma vez que um tesouro espera por nós – sempre tão fielmente – no coração humano. Eu não havia esquecido. Não tinha deixado de acreditar. Mas precisava comprovar; e ele ficou feliz por ser novamente encontrado. Esta redescoberta é que torna a vida suportável e significativa e, essencialmente, fazendo valer a pena viver. A cada nova descoberta, a fé cresce mais profunda e nossos corações estão melhor acomodados em um espaço de gratidão.

O que é realmente assustador não é o Deus real, mas o terror que sentimos de perder nossas ilusões.

Quando jovens, aprendemos que devemos ser gratos pelos presentes recebidos, ou pelos privilégios de nossas vidas. Mas leva muito tempo para sermos capazes de verdadeiramente ver e apreciar as coisas que deveriam despertar em nós, espontaneamente, o espírito de gratidão; acima de tudo, não pelas coisas que temos, mas pelo fato de existirmos. Facilmente nos concentramos em nossos descontentamentos e desejos não realizados. Tomamos como dadas as coisas verdadeiramente abençoadas na vida, que nos conectam diretamente ao dom do próprio ser. Se elas, temporariamente, ficam ofuscadas, podemos falar em decepção ou desespero, o que prova “que eram apenas ilusões”. No entanto, sem esse sentimento instintivo de gratidão, corremos o risco de ir para o abismo, caindo da ponte estreita que atravessamos entre o nascimento e a morte.

Afinal, não se trata de nos dizerem como devemos nos “sentir”. Rapidamente nos tornamos capazes de fingir – até para nós mesmos – aquilo que é “esperado” de nós: sermos educados, estando em conformidade com as expectativas daqueles dos quais dependemos. Trata-se, isso sim, de encontrar a nascente de vida que brota em nós, a partir de uma fonte para além do cosmo visível e para além do mistério do tempo que passou a existir com o cosmo. Que essa fonte está, realmente mais perto de nós do que estamos de nós mesmos, fica além da imaginação e, portanto, além do desejo. Mas é este o presente do Natal (e da meditação).

Libertar esta fonte de vida desperta gratidão espontânea. Gratidão que dismantela as barreiras de competição e suspeita que, perenemente, nos separam de todas as ligações verdadeiras. Como poderemos libertá-la? Se ao menos houvesse um sistema, um programa capaz de comprá-la ou injetá-la... Mas acontece se simplesmente nos aquietamos. Na quietude, o conhecimento surge. Imaginamos que esse conhecimento vai chegar como uma pessoa famosa com uma comitiva, ou como um exército invasor para nos ocupar. Mas ele não é encontrado na tempestade ou terremoto. Vem com o poder da ternura, com o toque infinitamente leve de Deus e com uma sensibilidade autorreveladora e com respeito por aquilo que criou. É por isso que ele dissolve tão poderosamente as tempestades de raiva, medo e dependência.

Esse tesouro, a semente sempre crescente em nós, tem de ser continuamente redescoberto. Encontrá-lo – pessoalmente e para nós mesmos – é o aspecto essencial do Reino. Ele não pode ser transferido eletronicamente. Nunca será uma mercadoria, objeto de troca. Não tem preço. Se os ricos e poderosos têm tanta dificuldade de ver, não é porque eles estejam sendo punidos por estarem bem. É porque seus hábitos de percepção e relacionamento sejam tão frequentemente condicionados e aprisionados por possessividade e ganância que eles são simplesmente incapazes de vê-lo, tornando-se então pessoas tentando participar de uma corrida, usando botas pesadas de caminhada. E, no entanto, cada um sempre decide seu próprio momento e maneira de revelar-se. Podemos encontrá-lo, onde quer que estejamos e seja qual for nosso estado de espírito no momento, no tempo de Deus, não no nosso. W.B Yeats encontrou-o certa vez, sentado em uma casa de chá em Londres. Seu poema sobre esse momento lembra-nos que nunca devemos ser dogmaticamente prescritivos a respeito de onde Deus pode ser encontrado:

I sat, a solitary man,
In a crowded London shop,
An open book and empty cup
On the marble table-top.
While on the shop and street I gazed
My body of a sudden blazed;
And twenty minutes more or less
It seemed, so great my happiness,
That I was blessed and could bless.

(The Winding Stair and Other poems)

[Sentei-me, um homem solitário,
Em uma loja de Londres cheia de gente,
Um livro aberto e uma xícara vazia
Sobre o mármore da mesa.
Enquanto olhava para a loja e a rua
Meu corpo de repente resplandeceu;
E por cerca de vinte minutos,
Parecia, tão grande a minha felicidade,
Que eu era abençoado e poderiaabençoar.

(A escada em caracol e outros poemas)]

Assim como acontece com a história do Natal, precisamos sempre reaprender tanto a experiência quanto o sentido de descobrir esse tesouro. Talvez o que tenha acontecido ao longo dos séculos é que ouvimos o relato do que havia sido (certa vez) encontrado enterrado no campo. Jesus empenhou-se com todas as suas forças para alertar-nos que o Reino está dentro e entre nós; enterrado em um campo, crescendo como uma semente, descoberto no reencontro do que foi tão dolorosamente perdido, seja uma

ovelha, uma moeda, um filho ou a própria vida. E então, publicaram-se grandes estudos da tradição mística, professores defenderam suas teorias, psicólogos a explicaram, teólogos a comentaram; porém, cada vez mais a evitaram. Como o próprio Jesus, ela foi marginalizada. Ela se transformou em uma abstração, uma teoria, até mesmo em um privilégio de religiosos celibatários. E então, como acontece quando uma parte de um todo é segregada, tornou-se objeto de desconfiança, mal-entendidos e até mesmo de medo; o contemplativo, o sacramental, as dimensões institucionais da vida cristã que, em sua diversidade, formam um todo, foram divididas. Os significados mais importantes da descoberta do Reino dentro e entre nós – que ocorre de imediato, como uma graça, não uma recompensa, incondicional e sem interrupção – tudo sobre ela que poderia transformar uma viagem ao inferno em um dia de graça, quase tudo o que nos ajudaria a ter confiança durante a longa ou curta caminhada sobre o abismo humano, foi obscurecido ou escondido.

Esquecemos a gratuidade que é a vida, e perdemos o coração agradecido que faz a vida vibrar. A Encarnação afirma a bondade e a natureza alegre da criação; e o faz para incorporar o lado obscuro, os fracassos e tragédias da desumanidade, não para negá-los. Como Simone Weil observou, e não é uma visão que sobreviva muito tempo no Duty Free de Heathrow, tanto alegria quanto sofrimento transmitem a mesma mensagem. Se a história do nascimento fosse apenas idílica, uma imagem de publicidade para as nossas ilusões, nós não poderíamos e não deveríamos confiar nela. Não seria um presente verdadeiro, mas uma daquelas promoções que dizem “compre dois e leve um de graça”. Pode ser um bom negócio e atender a suas necessidades ou desejos imediatos. Mas sabemos que não é de graça porque, se dissermos “dá-me o que é de graça, não vou comprar os outros dois” a verdade seria revelada. O sorriso do vendedor desapareceria e seríamos convidados a sair. É por isso que viver em uma sociedade de consumo tem muitas vantagens sobre a de viver em uma sociedade religiosa: ela nos dá tantas oportunidades óbvias, fáceis, que são capazes de tirar as ilusões da vida. A tentação do Jardim do Éden também está sempre lá, é claro. É tentar possuir o dom, ganhar dinheiro (ou fama, ou poder), até mesmo com a experiência de Deus, colocando Deus em uma garrafa ou em um programa.

Gratidão e realidade são inseparáveis e necessárias em qualquer forma de vida equilibrada, humana. Experimentar a gratuidade da vida – luz e escuridão – e a pura graça do Reino nunca será negativo. Há presentes, porém, que impõem um senso de obrigação ou exigem reconhecimento, ou mesmo nos tornam dependentes do doador. Mas sempre que têm condições, são falsos presentes. Deus oferece Deus a nós em Jesus. Ele vem para um mundo estilhaçado e violento, sem força nem ameaça de força. Ele veio para os seus (nós) e os seus não o receberam, porque aceitar tal presente é ser transformado. Nós todos gostaríamos de mudar, mas transformar, assim como perder nossas ilusões, é doloroso e assustador.

Um verdadeiro presente é dado. O que é dado é também desapegado e liberado plenamente na vida do destinatário. Esse dom carrega a presença, o amor, o si-mesmo

da pessoa que dá. Quando, no entanto, é dado, mas não desapegado, não pode levar o si-mesmo do doador. Então, Deus oferece Deus em Jesus, mas desapega-se de Jesus (chega mesmo a abandoná-lo, como Jesus sentiu no fim). Deus não estabelece condições para o presente, que é o que o torna tão desafiador e facilmente distorcido. É mais fácil escrever sobre questões menores, o que não está na intenção de legado – por exemplo, que temos de ser bons, obedientes, conformistas, religiosos, ortodoxos. Receber o dom de outro si-mesmo é ser mudado, simplesmente porque nos confere tanto poder. Não com algo que podemos colocar em um banco ou nos gabar, mas expandindo-nos para além de nós mesmos e capacitando-nos a doar o si-mesmo de cada um.

O dom é ter a bolha estourada e o ar poluído, purificado pelo frescor da realidade.

Você pode ignorar ou rejeitar um presente apenas porque a embalagem não é atraente. Para muitos, o presente de Natal está embrulhado na Igreja, que logo parece estabelecer muitas condições, nos pequenos detalhes, para recebê-lo. A Igreja, no entanto, será sempre parte do dom de Jesus para o mundo. Enquanto comunidade, é formada pela influência desse dom à medida em que se expande através da história e da cultura. Contudo, há muitos tipos de embrulhos eclesiais, e o Papa Francisco está nos mostrando que devemos descartar alguns deles, sem demora. Seu presente de Natal para a Cúria foi listar quinze enfermidades da alma e da psique – as maneiras em que o presente é obscurecido por clericalismo, legalismo e julgamento hipócrita contumaz. A Igreja pode fazer e parecer melhor. Mas, por trás da instituição visível, está também a experiência da contemplação, na qual o dom é encontrado e reencontrado enterrado – esperando para ser descoberto – no campo do coração.

Contemplação – o simples desfrutar da verdade – é, essencialmente, um presente ou graça, seja em um café lotado ou num agitado aeroporto, numa sala de terapia intensiva, nos fundos de uma igreja ou em um claustro sereno. É radicalmente simples, não fácil. A meditação nos treina para apreciar este presente na fonte. Quando aprendemos a aceitá-lo, aprendemos também a compartilhá-lo e isso produz um novo estilo de vida projetado não pela ideologia, mas pela influência do amor. Ninguém pode receber este presente sem deixar de apaixonar-se pela fonte. Não podemos refletir profundamente sobre o nascimento de Jesus sem vinculá-lo à Ressurreição. Não somos transformados pela reflexão, mas pelo reconhecimento. Não por recordar, mas por restaurar. O reconhecimento, gradual ou repentino, do Cristo ressuscitado é a transformação do si-mesmo.

A meditação nos ajuda a aceitar o dom. John Main disse que é a maneira pela qual “aceitamos o dom do nosso ser” e tudo o que aí está incluído. Mas pode ser desanimador às vezes, quando percebemos como somos aprendizes lentos. Apenas o fracasso pode nos ensinar essa compreensão. Portanto, não devemos subestimar o

dom do fracasso. Nós ouvimos e respondemos ao dom, e vemos os frutos aparecerem. No entanto, facilmente voltamos ao antigo padrão de egocentrismo. A respiração profunda centrada no outro – é novamente interrompida. Ou então fazemos uma oferta, talvez procurando partilhar a nós mesmos, livremente, sem condições; mas quando isso não produz a resposta que esperamos, nos retraímos, estabelecendo condições, endurecendo-nos contra a rejeição.

O dom do Natal é o tempo de que dispomos nesses dias para refletir sobre ele, alertando-nos de que não devemos nos surpreender quando os presentes são recusados ou o velho sistema do ego se reafirma. Lembramo-nos das reais circunstâncias do nascimento e vida de Jesus e de como seu ensinamento foi esvaziado no dom de si mesmo no Espírito interior. Apesar, ou mesmo por causa das aparências desfavoráveis e recaídas humanas, admitimos que o presente é bom. “Por que me chamas bom?”, perguntou Jesus certa vez: “só Deus é bom.”

A maior parte de nossas ideias sobre a bondade estão contaminadas por ideias de maldade. Julgamos o bem, por contraste com o mal. Este parece ser um contraste razoável, mas constitui parte de uma maneira de ver em dualidade, que a Encarnação transcende. Se Deus se torna humano, a mais básica das divisões foi transcendida. Desde quando os primeiros mestres disseram, ele “se tornou humano para que nos tornássemos Deus”, o jogo todo mudou. A bondade seria apenas o mesmo que comportamento ético (seguir as regras, não fazer mal)? O dom do Natal diz que não. Uma nova forma de percepção infiltrou-se no mundo material e no reino humano, ao se afirmar que a bondade que “é” Deus ultrapassa nossas distinções habituais entre o bem e o mal. Ela não diz que é certo roubar, matar, mentir e explorar. Mas diz que Deus não vai nos punir se o fizermos. A punição para tal comportamento está enredada em nossos modos de recusar o dom da verdadeira bondade. É porque Deus não pune sequer Herodes ou os carneiros de Peshawar que somos capazes de ver a bondade que é Deus, de uma forma que expõe e solapa toda a escuridão humana. E também nos dá a coragem de enfrentá-la.

O comportamento ético é, quando muito, episódico. Em pouco tempo, fracassamos sob a pressão das circunstâncias. O verdadeiro dom da bondade, no entanto, é contínuo e sem interrupção. A Palavra feita carne existiu desde tempos imemoriais. Todavia, essa bondade que é Deus, e é também a essência do humano, permeia e redime o tempo com a totalidade de seus fracassos e defeitos. Antes que possamos vê-la corretamente em nós mesmos, deparamo-nos com essa bondade, não em pensamento, mas em pessoas. Quando estive na Birmânia no ano passado, com alguns de nossos outros professores, para falar sobre a meditação, a convite da igreja de lá, visitei um lar para deficientes administrado por um grupo de freiras. Não há centros oficiais ou programas na Birmânia para os deficientes, e muitas famílias passam por grandes dificuldades. Nesse lar, as freiras construíram um ambiente bem administrado e caloroso – e foram além. Não houve uma despersonalização dos indivíduos. Neste ponto, havia certa desorganização. Não houve condescendência ou piedade fria, mas uma sensação

impressionante de igualdade e comunidade. Não me parece que esse testemunho fosse possível sem uma experiência do dom de bondade que transcende a ética. Ele nasceu, em primeiro lugar, não de fazer o bem, mas de ser bom.



Aquelas freiras e aqueles de quem elas cuidam foram profundamente inspiradores. Os sucessos e heroísmo que costumam atrair manchetes e inspirar-nos por um instante, geralmente também desaparecem da memória. Os verdadeiros heróis da humanidade, ao contrário das celebridades da mídia, não chegam à primeira página ou se tornam “virais”. No entanto, eles permanecem em nossas vidas por seu dom do si-mesmo. Eles nos retornam para a direção do dom mesmo do ser e dessa maneira nos retornam enfim ao dom do Natal. Então, viva, Jesus chegou. Entretanto, o mais importante é que ele ficou.

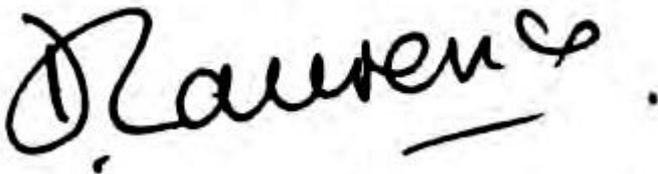
Seu nascimento na pequena, confusa e, já então, violenta Belém, foi o início da história cujo fim ainda não chegou. As circunstâncias de seu nascimento nos fazem perguntar se realmente nascemos bons: Inocente, puro e surpreendentemente capaz de ver as coisas como são – mas seremos realmente bons quando, somente centrado-no-outro, admitimos que é o bom? Nascemos com um instinto dominante para a sobrevivência e crescemos condicionados pela atração do prazer e aversão à dor. Até aí, tudo bem. Mas muito em breve esse condicionamento tece o miasma da ilusão. “Miasma” é a palavra que descreve a atmosfera poluída em que nascem as terríveis doenças. Vivemos em bolhas de miasma, de ilusão, mas cercados pelo ar puro da realidade. Rapidamente somos educados a pensar que a ilusão é melhor do que o real.

O dom é ter a bolha estourada e o ar poluído purificado pelo frescor da realidade. É por isso que Jesus saltou para o mundo. O amor flui da plenitude, e é da plenitude do ser chamado Pai que ele saltou para o nosso reino humano. Como a beleza que carrega, em uma parte do todo, a experiência completa do todo, este presente não

apenas torna a vida suportável, ele transforma nossa capacidade para viver.

No ano passado fui abençoado, como de costume, pela visita a muitos setores de nossa comunidade mundial, que a meditação cria e renova diariamente. Encontro o todo em cada parte, em cada meditante. Eu gostaria de agradecer a todos aqueles que me receberam nos últimos doze meses, tão calorosamente e que me inspiraram tão fortemente, pelo presente que vocês compartilharam comigo e que partilham com tantos em suas comunidades nacionais e locais. Há muitas gerações, Sto Agostinho escreveu sobre a oração curta do mantra, “semelhante a um dardo”, que os monges do deserto praticavam. Hoje ela cresceu e ultrapassou o deserto e a própria vida monástica. Ela está tocando a vida das crianças pequenas, dos idosos, de estudantes, daqueles em recuperação de vícios, dos gestores de fundos de investimento e dos sem-teto, de paroquianos e dos que estão à procura de um lar espiritual. É um presente pelo qual aprendemos o que o presente significa realmente e desperta em mim, ao final de mais um ano, uma maravilhosa gratidão.

Todos nós, na Meditatio House e em nossa equipe internacional, que servem a comunidade, juntam-se a mim para desejar-lhe toda sorte de bênçãos e de felicidade mais profunda no próximo ano.

A handwritten signature in black ink, reading "Laurence". The signature is written in a cursive, flowing style with a long horizontal stroke at the end.

Laurence Freeman, OSB